

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida ao

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSINATURAS

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correo

EM VOLTA DO CASO IDALINA

Relembrando factos passados que ainda são de hoje —
Collegas que nos apoiam — Palavras de animação —
Como sempre: Onde está Idalina? — Consagrando
o padre Faustino.

Uma divida

Era um domingo.
Em uma grande sala de um prédio da rua da Constituição, no Rio, ali por volta de 2 horas da tarde de um dia cálido do mez de março, 19 do calendario Gregoriano, uma multidão de homens, algumas centenas, esperava, ansiosa, ouvir a palavra dos oradores que deviam tratar de um caso sensacional que vinha agitando a opinião publica já ha algum tempo.

Era um comicio convocado pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro para protestar e pedir justiça contra crimes nefandos cometidos nas pessoas de crianças asiladas em um estabelecimento de caridade, paulista, mantido por padres catholicos e subvencionado pelos governos — paulista e italiano.

O que foi este comicio torvos aquelles que a elle assistiram podem diz-lo: foi um vibrante, um unanime sentimento de repulsa e protesto contra a maneira vergonhosa de agir dos protectores dos criminosos do malvado asylo.

O povo, o verdadeiro povo que trabalha, de mãos callosas, pela voz rude, porém sincera dos seus oradores, a cuja classe pertencia a desventurada Idalina, fazia sentir a sua cohera e a sua indignação, cuspiendo na face dos seus torturadores a vilzeza do seu proceder.

Entre a multidão destacava-se um senhor correntemente vestido, tendo ao seu lado um menino de cerca de dez a doze annos.

Notei que por vezes levava aos olhos o lenço e que seu peito arfava convulso.

Uma especie de sympathia atrahia o meu olhar para o homem que assim chorava.

E talvez algum pai extremoso, pensei, uma alma sencivel, um coração ainda não pervertido pelo meio em que vive e que vem educar o filho nesta lição de cousas que é uma reunião de homens sedentos de justiça.

Succederam-se os oradores. De repente viu-se este homem levantar-se, tendo a mão o pequeno subitro ao palco onde os achavamos, os da commissão, e pedir para falar-nos.

Estupefacção! Surpresa!
Era Domingos Stamato com Socrates, o tutor e o irmão de Idalina, que acabavam de chegar da Bahia a chamada da justiça de S. Paulo!

Passado o primeiro momento de perplexidade, apresentamos ao publico um e outro.

Quasi um anno depois, ainda tenho presente a scena commovedora que se desenrolou aos nossos olhos.

Quando do proscenio o menino Socrates pronunciou, a nosso pedido, em voz alta, as palavras: — Eu sou o irmão de Idalina, — o publico como movido por uma mola poz-se de pé e um trovão de vozes rebou por toda a sala!

Todos protestavam, queriam sair á rua, levando á frente Domingos e Socrates, clamor, clamor por justiça.

Ir aos jornaes, ao governo, mostrar ao povo, enfim, a revolta que lhes ja nalmã diante do tão nefando crime!

A muito custo pudemos calmar os animos.

Um amigo nosso, altamente collocado, acontendo então a ideia de no dia seguinte, irmos com Domingos e Socrates ao chefe da nação.

Nesse dia, ás 2 horas da tarde, achamo-nos todos reunidos na porta do Jornal do Commercio. Subimos á sua redacção e ali apresentamos ambos a um redactor, relutando ao mesmo tempo

a esse senhor o drama que se conhece. Depois seguimos para o Catete, sendo recebidos pelo presidente da Republica.

S. exc., depois de ouvir-nos, prometteu fazer o possível em favor da causa que defendiamos. Quanto á folha acima referida, qual não foi a nossa estupefacção ao lermos a sua edição da tarde.

Era uma diatribe que um reporter, destes typos desbriados para quem a mentira e o insulto são armas predilectas, atirava sobre todos nós para servir á sacristia de que é producto genuino.

Dizia entre outras cousas, só dignas delle, que um nosso companheiro, artista conhecido do palco, tinha arranjado a scena com todos os matadores e que não comprehendia como o governo e a policia permitiam que se andasse a exhibir uma criança nas ruas do Rio, só para servir ao odio dos anticlericaes.

Resolvem-se não responder ao insulto. Elle era grosseiro de mais, pequenino como o seu autor.

Quando, entretanto, este alcoolico foi a bordo do «Minas», a tremor de medo, nada aprendeu com o cavalheiro negro, o marujo João Candido!

E que a alma de um é grande e generosa, a do outro, pequena e cobarde.

No entanto, fique o bilre e os seus iguises avisados de que é esta uma divida que não julgaremos saldada para com Domingos Stamato, num compromisso contrahido no palco do Centro Gallego, no dia 19 de março de 1911, enquanto não for esclarecido este caso, e que havemos de clamar, clamar, clamar sempre:

ONDE ESTÁ IDALINA, PADRE CONSONTI!

Ainda teres a coragem, só digna de um padre catholico, de escarnecer da dor de um pai, ó monstro, depois da sentença que vos desmascarou e aos sinistros fargantes vossos convinentes?

Se ella tivesse sido contra nós, como não teris atordado os ares com o trombetar da vossa imprensa!

Sóis uns mystificadores e para isso vos servis dos mais grosseiros expedientes.

A que ficam reduzidas, depois do verdictum do jury, as fabulas de Maria Luiza e Italia Fonte?

E preciso inventar outras. Faustino, Faustino, que fizeste da desventurada criança, da infeliz filha do povo Idalina de Oliveira?

Oh! maldição, maldição sobre vós e sobre todos aquelles que vos cobrem com a sua protecção!

Carlos A. de Lacerda.
Rio, 19 de março de 1912.

O que diz a imprensa

O nosso presado companheiro de lutas O Livro Pensador dedicou-nos amavelmente as seguintes linhas:

Onde está Idalina?
OS NOSSOS PARABENS

Damo-los, com a maxima effusão com a mais intensa alegria, aos nossos collegas da Lanterna e da Bataglia por verem os seus nobres esforços empregados com tanta abnegação e desinteresse em prol da verdade no infamto caso Idalina, rodeados de pleno exult.

O tribunal, pela bocca de seus juizes, acaba de patenecer que a infeliz menina não foi retirada do Orfanato e que a mulher que os padres dizem ter sido a sonegadora da orfã está provado que não existe, que é uma personagem fantastica.

Esperamos agora que o tribunal, para honra de S. Paulo, pronuncie os padres responsaveis pelo desaparecimento, ou sumiço, da infeliz orfã e os obrigue a prestar contas do crime de que são accusados.

E mesmo que justiça se faça, não será sinão devido á accção heroica daquelles dois jornaes que, com um desassombro tão pouco commum, arrostando todos os perigos, vencendo todos os empecilhos, oppositos pela clericalmanha mancomunada com a policia, conseguiram impressionar e interessar vivamente uma população de alguns milhoes como a do Estado de S. Paulo, que severa e insistentemente pergunta aos clericaes:

— Onde está Idalina?...

Declarações de solidariedade

«Sr. Edgard Leuenroth:
Congratulo-me com v. pela victoria alcançada na campanha contra os pulhas do Orfanato sinistro, pois pela decisão do Tribunal do Jury da capital ficou eternamente provado que a infeliz Idalina jamais saiu desse antro tenebroso.

Villa Olympia, 14 — 2 — 912.
José Hilario dos Santos.»

«Sr. Edgard Leuenroth:
Effusivas saudações. Felicito-o calorosamente por mais uma victoria alcançada sobre o caso Idalina.

S. Paulo, fevereiro de 1912. —
João Medeiros Coimbra.»

«Aos incansaveis lutadores da Lanterna patentemos a nossa solidariedade e enviamos-lhes os nossos parabens pelo recente triumpho alcançado no caso Idalina.

Nosso voto é que desapareça essa seita peçonhenta que enlameia a sociedade com os seus crimes e devassidades.

Rio, 12 — 2 — 912. — Manuel Esteves e Hygino Alves.»

«Caro camarada:
Abraço-vos pela recente victoria que acabais de alcançar contra essas aguias negras, devoradoras da infancia do Orfanato.

Rio, 12 — 2 — 912. — Manuel Joaquim Fernandes.»

«Sr. Edgard:
Venho por meio desta congratular-me comvoso pela nova phase do caso Idalina, que os padecores tentam abafar.

Reconhecendo em vós um batalhador da justiça, não posso nem devo deixar de cumprimentar-vos pelo ultimo triumpho alcançado.

Ribeiro Preto, 6 — 2 — 912. —
André Castiglione.»

«Presado amigo Edgard:
Aceitei um abraço e parabens pela victoria alcançada com a judiciosa decisão do jury dessa capital, que destroz as torpes falsidades apresentadas como provas pelos padres no caso Idalina.

De accordo com a decisão dos juizes que o compuzeram, homens de caracter independente e dignos de applausos, terá o tal padre Faustino de occupar o banco dos reus, assim como outros da sua quadrilha.

Avante, caro companheiro, que um dia cantaremos o hymno da victoria, vindo por terra a torpe caterva que roubou-nos a todo o momento a honra, a saude, o tempo, o dinheiro.

S. Rita de Cassia, 12 — 2 — 912. —
Tobias Augusto Fallomos.»

(SEGUE NA 2.ª PAGINA)

Os caracteres adquiridos (sentimentos patrióticos e religiosos) resultam de uma especie de epidemia ou contagio. Basta um pregador ou um agitador politico ou religioso para determinar um movimento de opinião evidentemente facticio. Os homens são arrastados neste caso por imitação e por um effeito sobre o systema nervoso.

Do Candolle.

(Histoire des sciences et des savants)



— Meus irmãos! Não confieis nesse que vos apresentam em beatifica attitude. Elle pertence-nos tambem, é certo, entretanto só o nosso virgem e martyr Faustino reúne os predicados para ser o chefe dos governantes desta santa terra.

A LUTA SOCIAL EM FRANÇA

Em França: as leis scleradas e a agitação popular provocada pela sua applicação — Um grande comicio — Anistia geral ou perdão individual? — Guarde o seu perdão, sr. ministro!

O comicio celebrado no domingo passado em Paris contra as «leis scleradas» de 1893-94, sob a presidencia de três das suas victimas, Dumont, Viss e Baridaut, foi deveras imponente e digno das tradições do grande foco revolucionario.

Apesar de ser quasi exclusivamente operária, pois os intellectuais da questão Dreyfus, tão pródigos de promessas então, estão hoje satisfeitos em geral, esta agitação popular já deu alguns fructos: como o declarou ao numero publico, accorrido ali a despeito do mau tempo, o advogado que defendêra os três militantes do sindicalismo, se estes tiveram uma pena relativamente benigna — seis meses de prisão já soffrida, exigindo as «leis scleradas» a detenção preventiva!

— foi isso exclusivamente devido, não á benevolencia dos juizes ou do governo, mas á energica e colossal manifestação do domingo anterior.

Do seu lado, bastantes intellectuais independentes, tendo-se reunido para tratar da situação escandalosa de Hervé, decidiram enviar uma delegação ao presidente do conselho para lhe demandar, não o perdão de Hervé, mas a anistia geral para os delictos de imprensa.

A delegação foi, mas o chefe do ministerio, Monsieur Poincaré, famoso advogado de grandes companhias financeiras, não acha a ocasião propicia para anistias: examina apenas, atenta e imparcialmente, o caso de Hervé e outros casos particulares que lhe forem apontados...

Trata-se de dividir, trata-se de contentar uma corrente de opinião com algumas concessões generosas, mas restrictas...

Hervé, porém, é que não consente em prestar-se ao jogo. E numa carta activa ao grande de ministros, repete-lhe rudemente o que já declarára no seu jornal: que graça especial não a quer êle de modo algum. Fiquem no sabendo de uma vez para sempre o sr. Poincaré, o seu ministro da justiça e o seu presidente da Republica. E boa noite!

Contribuirá este gesto para a anistia geral?... — Neno Vasco.

Julgamos interessante reproduzir a carta a que se refere o nosso correspondente de Lisboa — a do preso Hervé ao presidente do conselho Poincaré:

«La Conciergerie, 21 de janeiro de 1912.

Senhor,
Em consequencia duma visita que uma delegação, chefiada pelo sr. Henrique Rochefort, teve a bondade de vos fazer para vos pedir uma anistia em meu favor, leio nos jornaes desta manhã que, hostil a qualquer anistia, vos dignareis entretanto «examinar, com inteira imparcialidade, todas as situações individuos interessantes que vos forem assignaladas».

Convidado-vos a dispensar-vos de examinar, mesmo com inteira imparcialidade, a minha situação individual, interessante ou não, visto parecer não vos bastar um meu primeiro protesto publi-

co, repito-vos que a vossa graça para nada me servirá. Espero que, desta vez, o tenhais por dito, vós, o vosso ministro da justiça e o vosso presidente da Republica.

Saudo-vos.
GUSTAVO HERVÉ.

Ha presos que são mais livres do que muitos miseraveis em liberdade.

A carreira ecclesiastica

De um artigo do Mundo, de Lisboa, transcreveremos o seguinte trecho interessante:

«Nos seculos XIII e XIV, os sr. prelados ainda fulminavam os povos, porque estes, convencidos do seu poder sobrenatural, a tudo se sujeitavam como desventurados rebanhos selvagens. Os sr. prelados hoje são positivamente de carne e osso como toda a outra gente. Não são delegados do divino, mas simples cidadãos que os acasos da politica e das procepções pessoais elevaram ás vistosas prebendas que desfructuam.

Por exemplo, foram o rei Carlos e João Franco que nomearam patriarcha o sr. Mendes Bello, depois de terem escurado de S. Vicente de Fora o cardinal Netto, graças a uma intriga apoiada no Vaticano pelo antigo nuncio em Lisboa Vanutelli.

O cardinal Netto, francicano, não gozava das sympathias dos jesuitas; muito pelo contrario, e ha curiosos motivos de ordem particular que não vem a proposito recordar agora. Por outro lado, o cardinal Netto, curto de entendimento, mais austero nas suas crenças religiosas, entendeu censurar um dia certas aventuras e certas attitudes galantes de Vanutelli, o nuncio. Este nunca lhe perdoou, e logo que presentiu haver em Lisboa, por parte de João Franco, o proposito de aliar do patriarchado o cardinal Netto, para em paga de serviços politicos o substituir pelo sr. Mendes Bello, começou preparando no Vaticano o ambiente necessario á alludida soluçao. Foi assim. Pio X, marejado pelos jesuitas como uma pobre criança... velha e trôpega, em tudo concordou, sem saber o que fazia, como na occasião informada para Lisboa um correspondente romano.»

A candidatura do padre Faustino

O momento fatal

É este o ultimo numero da *Lanterna* que aparece antes do grande pleito eleitoral em que vai ser sufragado o nome consagrado do intangível homem publico Padre Faustino Consoli.

É um acontecimento que de ficar gravado em letras de ouro na historia, da algaria de ratões de igreja e de tochoeiros, de procições de ha muito agarrada á governança desta terra.

A escolha do candidato no posto presidencial real sempre sob a pessoa mais distinguida entre as personalidades da situação politica.

Desta vez é o padre Faustino que está neste caso. Nenhuma pessoa reúne, nas altas esferas governativas, tantos predilectos como esse consagrado sufragista.

Uma agrupação politica, ou coisa semelhante, que dispensa todas as regalias á fradilha expulsa de outros papéis e subvenciona igrejas, congações e collegios onde se comettem crimes contra a infancia, um ajuntamento de autoridades que protege criminosos somente porque elles vestem batina não poderia ter um chefe mais digno de sua reputação do que o martyr e virgem padre Faustino Consoli.

É por isso que no proximo dia 1.º esse collar será consagrado presidente dos directores da governança.

Não o querem ver no banco dos réus? Pois te-lo-ão como seu chefe.

O entusiasmo reinante

Apesar dos festejos carnavalescos, o entusiasmo pela candidatura continua sempre em augmento de uma maneira espantosa.

Os boletins de propaganda do nome do mais honrado dos candidatos e as cedulas com o seu purificador nome continuam a ser distribuidos profusamente por todos os recantos do Estado.

Ainda esta semana tivemos occasião de receber algumas dellas. Em S. Paulo grandeza por todas as paredes esta cedula: «Para presidente: Padre Faustino Consoli, martyr e virgem».

O entusiasmo é enorme!

A votação nas urnas

Como se deverá votar no agitado pleito de sexta-feira proxima? O que é necessario fazer? Consultas como estas temos recebido ás centenas e, em vista do incalculavel trabalho que temos tido com os trabalhos electoraes, criminosamente descurados pelo comitê central, tão pouco animados do momentoso civismo, não nos foi possível responder directamente a todas as commissões, grupos e pessoas que nos escreveram.

Esta nota virá sanar essa falta, pois a todos dará as necessarias instrucções.

Entretanto, não podemos deixar de aproveitar a occasião para patentear a falta de civismo que por ali impura, numa terrivel devastação de caracteres.

Bem se vê que tudo era feito pelos caciques politicos, com o completo desconhecimento dos cidadãos livres desta livre república. Elles fabricavam os titulos, faziam a votação como muito bem entendiam e apuravam os votos que lhes convinham.

Esses attentados ao mais legitimo direito dos cidadãos não serão mais verificados. Ao sagrado padre Faustino deve a politica tambem essa reabilitação civica. Elle restaurará a verdade eleitoral.

Mas vamos ao que agora mais nos importa.

A votação, como já temos dito, afora a fraude vergonhosa, deverá seguir as mesmas normas de todas as eleições.

Cada elector fecha a sua cedula num envelope, que deverá ter escripto: «Para presidente». A cedula deverá ser exactamente igual em tamanho e em ditzes a que publicamos em nossa terceira pagina. Poderá ser impressa, ou escripta á mão em papel pautado. No verso não poderá haver nada.

Quanto á fiscalização é simples: cada dez electores poderão nomear um fiscal.

A nossa fiscalização terá de ser feita com todo o rigor. Não

deveremos permitir que se esca-moteie um só voto dado ao nosso santo, puro e martyr candidato. Lembrem-se todos do quanto soffreriam os nossos governantes, a começar do marcial Sul Americano Piedade até ao herculico Pinheiro Beigama, se não fossem os nossos elegir para seu chefe a casta personalidade de S. Faustino.

O resultado do pleito

É preciso que por toda a parte se proclame a nossa força eleitoral, a nossa potencia politica. E para que isso seja conseguido, os nossos amigos não devem descurar a propaganda em favor do nosso candidato, agora, e a divulgação do resultado do pleito, depois d'elle realizado.

As commissões, comités ou pessoas individualmente devem se esforçar para que a votação em favor do nosso honrado e virgem candidato seja annunciada nos jornaes locais.

O numero de votos obtidos, assim como a noticia de tudo o que houver sobre o nobre pleito, deve ser immediatamente comunicado a esta redacção para que, em caso de fraudes e violencias, termos os necessarios documentos para justificar a inevitavel intervenção do exercito vaticanico, de que é commandante em chefe o coronel José Brasil Paulista Sul Americano Piedade.

O pbleicito

O pbleicito por nós promovido em todo o Brasil para o vago do padre Faustino á presidencia dos seus protectores, vai de vento em popa. A votação é já colossal. Calculamos que trabalharia não estar tendo o nosso pobre Faustino, o incansavel amigo da infancia.

No proximo numero publicaremos novamente a cedula para ser enviada ao santo do Ypiranga.

Adherido á candidatura

*Amigo E. Leuenroth e mais leaes companheiros da *Lanterna*:

Cordões saudações e sinceros parabens pela iniciativa do grande pbleicito em favor da candidatura do celebre padre Faustino.

Como pedem, junto a esta, na qualidade de fraco, porém certo companheiro, a minha modesta cedula.

Abaixo o clericalismo!

S. Manuel, 20 — 2 — 1912 — Leonidas Schimming.

*Sr. Edgard Leuenroth:

Remetto-vos minha cedula para o celebre candidato (esse bandido do padre Faustino) participando-lhe com muito pesar que não posso ir a urna levar o meu voto, porque não sou elector.

S. Vicente, 10 — 2 — 1912 — J. Cardoso.

*Amigos da *Lanterna*:

Aprovando a vossa lembrança, aqui vai o meu voto para que o padre Faustino seja presidente do Estado.

Na verdade entre o reverendo e o conselheiro só ha a diferença de um vestir batina e o outro casaca. Ambos são caquiques do Vaticano. Chitote nelles é o que é preciso.

Santos, 16 — 2 — 1912 — Augusto Gonçalves.

*Edgard:

Eis o que enviei ao nosso augusto candidato, juntamente com o meu ardoroso voto:

*Padre Consoli: A sciencia, a moral, a verdade e a razão rejeitam a tua extinção do meio social.

A justiça reclama-te em altos brados de indignação, mas os se-shores que a dirigem, anodapam-na, como protectores que são dos crimes, que rós todos, os falsos ministros de Deus e representantes de um Christo, que só proclamava o amor, a paz e a igualdade entre os povos irmãos, implantas na terra, segundo o thema da tua religião: «Foguetra, estupro, ignorância, embutecimento, hypocrisia, desonestidade, impiedade, e sangue».

Reis infelizes criciaoche que tu assassinaste, alma de fiera, e cujo crime o Tribunal reconheceu agora, é mais um piango rubro que tinge as negras paginas da vossa horivel historia.

Discipulo de Loyola, Torquemada e Domingos de Guama, a tua hora é chegada! O paraizo em que vives dentro em pouco se transformará num inferno em vida, se não responderes aos corações nobres: Onde está Italia?

Acetita o voto sincero do — Santos Barbosa — Rio.

*Amigo Edgard:

Não podes ser melhor a vossa escolha do candidato á presidencia do Estado. O padre Consoli merece esse posto. Deixa de ser politica, que a policia de S. Paulo lhe dispensou é justo que agora elle seja o seu chefe.

Villa Ruffard, 18 — 2 — 1912 — Paulo Pellegrini.

Sr. redactor da *Lanterna*:

Nesta data mando a minha cedula ao grande e illustre candidato padre Faustino Consoli, homem do juizo e consciencia que sabera governar e levar sua missão como no Orinão.

Advirto-lhe, entretanto, que é a primeira vez que em minha vida me faço elector, pois sempre fui contrario a essa farsa.

Onde está Italia? Rio, 12 — 2 — 1912 — Antonio Grimes Dias.

Sr. director da *Lanterna*:

Tenho quarenta e tres annos de idade e posso assegurar-lhe que nunca fui a nenhum collegio eleitoral para prestar o meu concurso a uma eleição, porque zuei modo de ser sempre fui retratado a tudo quanto se relaciona com a politica.

Porém, não obstante, como me pressa de ter a consciencia inclinada sempre para fazer o bem, não posso deixar de, considerando que ninguém pode ser infallivel, acatar a vossa iniciativa.

Pela primeira vez em minha vida me faço elector só por tratar-se da eleição de um homem (ou coisa se melhanete) que não pode haver igual nos mundos existentes.

Atendendo ás instrucções do vossso jornal, a minha cedula foi remetida ao seu correspondente destino.

Sabera por casualidade onde está Italia? Rio, 12 — 1 — 1912 — Juan dos Santos y Rosa.

*Sr. Edgard:

Tendes razão; o melhor presidente que poderá governar o S. Paulo clerical é o illustre rouspa Faustino Consoli — tendo por companheiro na vice-presidencia o não menos celebre Capelli.

Ribeirão Preto, 6 — 2 — 1912 — A. Castiglione.

A reacção na Argentina

Já por diversas vezes nos temos occupado na *Lanterna* da furia reacção de que estão possuídos os governantes argentinos contra os que naquella terra se atrevem a proclamar com independencia as suas ideias.

O tyranno Rosas ainda governa a Argentina, onde somente gozam de acatamento a clericalidade infame e toda uma chusma desavergonhada de exploradores do povo.

Em Santos livres, os que propagam os idees elevados são tratados com uma ferocidade maldita.

A historia da reacção argentina é tão negra como a da sanguinaria autocracia russa.

Ainda não ha muito foram assaltadas e incendiadas as redacções dos jornaes avançados, e uma livreria e as bibliotecas populares. Os propagandistas mais em destaque foram presos, expulsos para o estrangeiro ou deportados para a mortifera terra do Fogo.

Os jornaes de propaganda social não podem circular, as reuniões não são mais permitidas, tendo sido encerradas todas as associações que desagrada a policia vandallica.

Contra esta infamissima situação está sendo feita uma energica campanha por todas as facções avançadas daquelle país, assim como por diversos países da America e da Europa.

Tambem no Brazil repercutiu o sagrado brado de protesto dos nossos perseguidos companheiros da Russia da America.

Em Santos um grupo de homens livres decidiu levar a cabo uma agitação de protesto contra essa tyrannia.

Promovida por este comitê, já se realizou naquella cidade uma reunião de protesto no dia 23 do mez passado.

A concorrência a essa reunião foi bastante regular. Juntamente com os nobres Luiz La Scala e Henrique Martins sobre a barreira da canchala clericalista que está infelicitando o povo argentino.

A assistência não-foi pouca, poupa aplausos, levantando os compunctivos gritos de protesto contra os successores do justificado tyranno Falcon. Projeta-se outras reuniões com o mesmo fim.

DA PORTA DE EUROPA



A greve rural de Evora: suas origens e consequências — Declara-se uma greve geral de protesto em Lisboa e outras localidades — Hesitações do governo, negociações e inquérito — Um compromisso rompido — Cérco duma praça forte e rendição dos sitiados — Tratava-se duma conspiração monárquica: provas esmagadoras — As bombas — Uma instalação luxuosa de gente sem meios — Os monarquistas regressam — Uma chuva de felicitações ao governo pela sua energia e serenidade — A attitude da imprensa: comvente exemplo de amor-paterno — O parlamento da carta branca.

LISBOA, 4 DE FEVEREIRO

O telegrapho já já terá levado a relação dos successos dos ultimos dias em Lisboa — e é bem provavel que os tenhas convenientemente desaturado.

Eis, em resumo, o caso. Num dos distritos do Alentejo, a região agrícola mais adiantada de Portugal, aquella onde predomina a grande propriedade e onde já penetraram as máquinhas, estalou uma greve rural motivada por uma ruptura do contrato celebrado entre lavradores e seus eventuais salarizados, após as greves de junho ultimo. Essa pobre gente do campo passava então a ganhar diariamente, mediante um trabalho brutal, de que Flávio de Almeida nos deixou tão belos e suggestivos quadros, 400 reis durante cinco meses, de setembro a janeiro, 500 reis de fevereiro a abril e 700 reis de maio a agosto. Isto para os homens; potes as mulheres ganhavam metade.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

Os fazendeiros, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra, e os lavradores, por sua vez, não queriam pagar mais do que o valor de mercado da mão de obra.

efervescencia e indignação. Dizem agora que a greve de Lisboa foi uma subrepticia e repentina, sabida primeiramente pelos monarquistas! E' falso. O signatario não frequenta os meios operarios, como não frequenta outros, vivendo solitario e bem pouco relacionado, e no entanto, dias antes da greve, ouviu dizer que o protesto se preparava, que o aclamavam assembleias entusiasticas, mais ainda do que os chamados chefes, e que lavrava a irritação entre os elementos operarios mais conscientes dos seus interesses e dignidade de classe, mais imbuidos e expostos do sentimento de solidariedade.

Que querem os republicanos? Que os trabalhadores, por amor á Republica, deixem que ela os fuzele, sem protesto?

Em 24 deram-se os successos sangrentos de Evora: no dia 29, após a visita ao governo, era o trabalho quasi completamente paralisado em Lisboa e arredores, bem como em algumas localidades do distrito, com repercussão em outros pontos do país. Eis as reivindicações reabertas das associações em Evora, libertação dos presos e demissão do governador civil.

A principio o governo pareceu resolvido a ceder. Foi conferenciado com elle uma comissão de empregados ferroviarios, que offerecia uma especie de mediação. O governo disse que mandaria abrir as associações e promover a soltura dos presos sob fiança, fazendo activar a investigação judicial. Mas não pôde demitir o governador do distrito sem que fosse comprovado não ser exacto o relatório do seu enviado especial, que justificava os actos daquelle autoridade.

Objectaram-lhe que os operarios possuam informações e testemunhos insuspeitos em contradição com o que o governador concordou na ida a Evora de uma comissão operaria, composta de dois delegados grevistas e dois ferroviarios. O relatório desta comissão poderia ser publicado pelos grevistas, para confronto com o do enviado officia — o governo seria o árbitro entre os dois documentos!

A comissão partiu na manhã de 30, ficando os grevistas a espera-la para resolver. Mas nesse mesmo dia, o governo decidiu outra coisa. Consultou a autoridade militar, e esta opinou pela suspensão de garantias e pelo regime martial — nada menos. Assim se fez, mesmo sem previa consulta do parlamento, formalidade aliás de pouca monta e garantia de pouca segurança. Nessa noite era a União dos Sindicatos — instalada no velho palacio do marquez de Pombal — cercada por tropas de todas as armas, voluntarios inclusive, como se fosse uma terrivel praça forte. Havia ali dentro algumas centenas de operarios — 580, diz uma nota officiosa — incluindo mulheres e crianças, aguardando o regresso dos delegados, esperando decisões, e foram esses grevistas que a tropa levou, entre balonetas, para bordo de navios de guerra, depois de ter sido detida, a sua chegada, a comissão enviada a Evora!

Os motivos deste procedimento? Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e agentes dos monarquistas! Sobre a violencia — o enovelão. Desde o principio começara a correr esse boato, que corre sempre estupidamente quando ha greves. Monomania de politicanes — e manejo do governo, já experimentado em França com exito. Seria candura pedir aos governos que se sirvam de armas leaes e honestas.

Momentos antes do cerco e prisão das commissões grevistas, um dos seus membros declarava a um repórter: «Esperamos confiados na justiça da nossa causa. O nosso movimento é honesto e arbitrário, não sobre a autoridade, mas sobre a justiça. E' pura e simplesmente uma questão de trabalho, uma questão de operarios».

Que o movimento la tomando um caracter insurreccional e que era fomentado pelo dinheiro e

O PATRIARCA DE LISBOA É CASTIGADO

FALA-SE NA REBELLIÃO DO PRELADO — QUEM É D. ANTONIO MENDES BELLO — QUEM É O MINISTRO DA JUSTIÇA — QUE VAI SUCCEDER?!

O patriarca de Lisboa, d. Antonio Mendes Bello, da sua residência de S. Vicente de Fóra, respondeu ao decreto relativo à organização das cultas — a administração civil do culto — com uma pastoral recomendando ao clero da diocese que não a aceitasse.

Já os priores da Lapa, Santa Isabel e Belém se tinham conformado com as corporações encaregadas do culto, outras se lhe iam seguir quando o prelado tomou a sua resolução e o ministro da justiça deliberou castiga-lo, bem como ao bispo da Guarda, acusado do mesmo defeito, com a pena de dois anos de expulsão dos distritos de Lisboa e Castello Branco, onde residiam.

Enquanto se instaurava o processo o patriarca escrevia a sua defesa quasi tão violenta como o relatório que precede o decreto ministerial e da qual as palavras nada têm de humilhante, antes retribuem uma grande altivez:

«No preenchimento da minha missão — diz o chefe da Igreja portuguesa — sacrificarei tudo, comodidade, repouso, socego, tudo, menos o acatamento devido aos ditames da consciência e a veneração a que têm direito os princípios da religião católica, assim como as tradições e legítimos interesses da nossa querida pátria. Não temo as perseguições, não me deslenta a perspectiva dos dissabores, injustiças, privações e pobreza».

«E esta a mais fraca parte desse documento em que o patriarca evoca sem querer as velhas lutas da Igreja contra o poder civil das épocas do constitucionalismo e a revolta dos princípios da religião contra os reis».

Deita vez está frente a frente o mais alto dignitário da Igreja e o ministro da justiça da República com dois adversários buscando levar a melhor.

Um é um velho; o outro é um moço; o patriarca tem a cincenta e o ministro serve a cincenta da República; um é um soldado da fé; o outro pretende ser um soldado da democracia.

A luta é curiosa, não porque os personagens sejam atípicos, mas porque na sua retaguarda avultam as hostes da reacção e as da liberdade.

O patriarca de Lisboa tem perto de setenta annos, é um homem alto, ossudo, majestoso; tem a envergadura rija de um ministro de estado, e, apesar de velho, as letras se avanta á maioria dos prelados portugueses. Teme sempre um papel de destaque na Igreja; professor de um seminario em Évora, depois bispo do Algarve, foi nomeado chefe do clero lusitano, e, depois, cardeal. D. José III resignou ao tempo da ditadura franquista. Ao padre franciscano quasi fanático seguiu-se o padre secular, como se vê, das prerogativas da Igreja. Durante annos, apparecendo nas ceremónias com as suas vestes, intentando-se da politica, mesmo nos momentos tragicos do regicídio, assistindo á implantação da República sem um gesto, á expressão dos jesuitas, ao desmanchar das congregações pouco se esperava delle.

O clero, como já lhes disse, não tem em Portugal uma belleza romantica e mesmo a esse prelado, que neste momento se levanta contra as determinações civis, parecem falhar os moldes para uma attitudie decisiva.

A Igreja vai, entre nós, a caminho de uma inevitável bancarrota.

O ministro da justiça, dr. Antonio Macieira, é um homem de trinta e tantos annos. Antes da Republica affirmara-se apenas como um liberal. A sua voz não servia na propaganda do novo regimen, sua acção não se notou nem mesmo no tempo de João Franco. De quando em quando apparecia numa ou noutra audiencia de mais cõco politico, mas sempre sem alarde jacobino, como um homem que tem a esperar um futuro sem se comprometter. Filho e neto de abastados commerciantes, a sua fortuna

permitia-lhe esperar. Chegou a Republica e elle foi um dos primeiros que adheriram, ligando-se ao seu grande amigo Affonso Costa. Entrou no grupo radical, seguiu attentamente as lições do amigo ministro da justiça do governo provisório e quando deste partiu a ideia de premiar com aquella pasta a sua adhesão esperava-se que em tudo o seguisse a defesa das novas leis. Assim foi. E como se dr. Affonso Costa estivesse ainda no poder, velando pela sua obra que ha de dar a Portugal uma situação já mais vista dentro da politica universal: a de um povo sem a menor tendencia religiosa.

O dr. Antonio Macieira é, pois, um continuador.

Arremegou o seu decreto e esperou. O velho patriarca respondeu-lhe. Então, pelas salas da residência episcopal reuniram-se os párocos de Lisboa acorrendo a um apello do seu prelado, mas sobretudo notou-se que as famílias monarchicas — mesmo as que antigamente praticavam por luxo — appareceram a saudar o patriarca que se rebellava contra o novo governo.

Voltaam de S. Vicente entusiasmados; faziam gala em dizer que lá tinham estado e no fundo de tudo isso mais se sentia o protesto contra o regimen do que propriamente a sua fé manifestada em actives.

Correu, então, em Lisboa — e á hora em que escrevo ainda o boato corre — de que d. Antonio Mendes Bello não deixará o seu palacio episcopal, no prazo de cinco dias, que o ministro lhe ordenou, sem que a isso o violentou.

Será o gesto romantico, feito para ferir as imaginações, o desse prelado, descendo, entre alas de tropa, as escadarias da residência, vestido com a sua samarra, passando, ao cabeça erguida, como um desafio platónico da Igreja ao poder constituído. Sim, bem platónico será semelhante desafio.

Lisboa, a Lisboa revolucionaria, que domina a parte timida que protesta, não dará á esse prelado alívio a menor prova de distincção.

Ainda não ha muito tempo, que outro prelado, o do Porto, apesar da sua tradição de combatente d'África, de servidor das missões, passou, num automovel, com este, reforçado, entre o clamor enfurecido do povo.

Viu-o eu passar. Vestido de roxo, o chapéu de castor, com borlas de ouro, na sua cabeça de missionario; as barbas brancas excitando o coradão do seu peitoral, baixo, reforçado, entre o chefe do ministerio da justiça e um padre do seu sequito, viu em roda do automovel, que corria ligeiramente, a turba clamorosa a ameaçalo.

Ninguém se ergueu a defende-lo, e, sem a protecção do ministro de estado, reforçado, entre a sua estado no quartel general, aguardando o comboio, que o devia levar para o seu voluntario exilio de Gernache, não sei o que lhe teria succedido.

O facto deuse. O clero ficou quieto. Não se alterou a paz. Continuou o alarde a cavar a sua terra, o operario a laborar na sua officina, o soldado a fazer o seu serviço.

Este povo parece soffrir muito ainda a ancestral pressão dos inquisidores. Não ama o padre, como o padre não ama a sua fé. Mesmo nessa diocese da Guarda, á beira da serra da Estrella, onde a população é ignorante e se podia esperar um levantamento a favor do prelado rebelde, mesmo na Covilhã, que os jesuitas minaram, converteram e onde organizaram verdadeiras tendas, nenhum movimento, até esta hora, se deu.

Trabalham as fabricas de lanifícios, apascentam os pegueiros os gados. Tudo em paz, tudo em calma, na mesma eterna indifferença.

Por isso, creio que o patriarca não fará esse gesto, que lhe custaria ser conduzido entre baionetas, no meio do pagamento do seu clero e por entre as chufas do povo. Elle de coiza alguma não levanta, a mesma indifferença, esta quasi lethargia para as coisas da Igreja, o receberia. Seria um inutil esgrimir.

Acreditado pois, que em vez da revolta, da attitudie brava do prelado, entre os seus padres, dando as escadarias de S. Vicente, esperando o martyrio, apenas veremos sua excellencia reverendissima fazer as suas malas,

dar a sua bengala a alguns fieis e ir tranquillamente para um emigrar neste phenomeno singular: o de um povo que não se move para a defesa das novas leis, e de uma multidão que detesta a Igreja nas cidades.

E' o fim do mundo! dirá o prelado.

E' o começo de uma era nova! dirá o ministro da justiça.

Rocha Martins.



Lanterna Magica

Uma das muitas

Mais uma seita. O ultimo renascimento das Indias Inglesas deu a conhecer uma seita bastante numerosa, a dos *jittis*. O seu preceito característico é um jejum rigoroso durante oito ou nove mezes por anno, por períodos de seis a sete semanas. Os *jittis* submettem-se com muita coragem a esta ordem religiosa, e quando não jejumam são estritamente vegetarianos. São em numero de 1.416,638 e acham-se sobretudo no Bengala, nas provincias de Guizetar e do Radiputna. Como lugar sagrado, tem especialmente a montanha *Radiputna*, onde vão aos milhares na primavera, para adorar os deuses e começar o grande jejum.

Os medicos deveriam aconselhar o alistamento nesta seita a alguns gordos bonzos catholicos; mas estes prefeririam que se inscrevessem nella os operarios, afim de conerem menos, pedirem maior salario e darem assim mais proveito ao patrão...

Provas da separação

Os grandes rotativos deram a seguinte noticia: Ao rever. sr. archebispo metropolitano foram entregues hontem pelo dr. Luis Artur Varela, procurador do Estado, 200000 correspondentes á primeira prestação da pensão concedida pelo Congresso Legislativo, afim de auxiliar a construção da futura subestação de energia.

Agora diga-se que a Igreja não está separada do Estado...

Bom padre

CURITIBA, 25 — No nucleo de Ivay, o padre Bony instigou os colonos contra o nome Sakolaki, sob o pretexto de que o mesmo era bigamo.

Se não fosse a intervenção imediata do director do nucleo o colonio Sakolaki seria brachado pelos seus compatriotas. O padre evasive.

E ainda ha quem ouse dizer que os padres não são creaturas encarregadas de fazer o bem por este mundo affóra.

Os fanatizados colonos esqueceram, entretanto, de indagar quantas mulheres tem o tal padre.

E viva...

O nosso collega *Correio da Noite*, do Rio, publicou a seguinte nota:

O juiz Manoel Aquino e Castro, julgou ha dias, impropriedade a acção movida pela Fazenda Publica, para haver bonas vantes da ordem franciscana existentes no Estado de S. Paulo.

A sentença tem a data de 17 de janeiro de 1912 e foi vulgarizada no diario *Estado*.

Pois bem, no dia 20 do mesmo mes o *Jornal de Commercio* publicava a seguinte varia:

«O sr. dr. Manoel Dias de Aquino e Castro, juiz seccional em S. Paulo, acaba de ser distinguido por um breve de sua Santidade o Papa Pio X, datado de 16 de dezembro proximo passado, com o grão de Comendador da ordem civil de S. Gregorio Magno».

Está claro que a decisão foi inspirada nas graças do breve papalino *Ad maiorem dei gloriam et minorum justitiam*.

Viva! sim, caro collega. E é por isso que nós havemos de eleger o santo padre Faustino para presidente do Estado.

Francisco Ferrer

Já temos a venda os ns. 15 e 17 desta bella revista de propaganda do ensino racionalista, publicada em Buenos Aires.

O n. 15 trata os discursos pronunciados por occasião da inauguração do monumento a Ferrer em Bruxelles e o n. 17, dedicado ao celebre naturalista Darwin.

Custa 300 réis o exemplar.

A HISTORICIDADE DE JESUS

Com este titulo, publica G. B., em *La Libre Presse Interreligiosa*, de Lausanne, no seu numero de 13 de janeiro, o seguinte:

«Ha alguns annos que quasi todos os historioadores livres-pensadores estão de accordo, se não para negar a existencia de Jesus, pelo menos para affirmar que a vida contada pelos quatro evangelhos (unicos documentos pseudohistoricos sobre a vida do judeu a quem se attribue a fundação do christianismo) não passa duma compilação de lendas tiradas do Oriente, sobretudo da vida de Horus, de Chrishna e do Buddha Çakya Muni.

«Qual não é pois o nosso espanto encontrando no jornal em portuguez *A Lanterna* (folha anticlerical e de combate, como elle se proclama), um longo artigo em que oppõe o Christo aos padres catholicos, como se houvesse uma jota de verdade nas historias de fazer dormir em pé contadas a respeito do filho de Maria. Esse artigo começa assim:

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre. Christo nasceu pobre e morreu pobre.

Para Presidente do Estado

PADRE FAUSTINO CONSONI, director do Orphanato Sinistro, residente em S. Paulo.

das questões historicas e philosophicas, ha a propaganda pratica e elemental que consiste em mostrar o desacordo entre o evangelho apregado e os actos praticados, em desfazer a lenda do prestigio sacerdotal, mostrando que os padres não são pastores nem apóstolos, mas profissionais, muitas vezes avidos e devassos. Para encarecer a Revolução Francesa contra a realza não teriam bastado os *Encyclopedistas*, lidos por uma pequena minoria intellectual; foram necessários os pamphletos innumeros contra a vida perulária e infame da corte.

DIVERSÕES

THEATRO COLOMBIO — As sessões cinematographicas deste theatro têm sido muito concorridas, o que se attribue aos bellos e empolgantes, films ali apresentados.

Para hoje está annunciado excellentissimo programma. Amanhã haverá matinees com novas films.

THEATRO CASINO — Estiveram maravilhosamente animadas as festas que em louvor de Deus Momo, o deus da folia e da loucura, adornado pelos crentes e pelos atheus, realizaram-se neste theatro no dia 21 de janeiro.

Os devotos de Momo penetraram a valer no Casino, o templo da alegria e da folgança, onde, não resta duvida, o deus da comedia, que a poetica mythologia fez filho do Sommo e do Noite, estabeleceu o seu throno nos dias que a humanidade, rememorando os tempos pagãos, consagra ao seu culto. Momo feliz, Momo adorado, dos herosicos deuses mythologicos, derrubados e extintos, fustegou o unico que conseguiu chegar até nós, sem nome deturpado e sem culto diverso.

— Nos espectaculos de hoje e amanhã serão apresentados bons numero.

THEATRO VARIEDADES — Os espectaculos levados durante a semana pela Companhia Nacional de Operas estivessem bastante concorridos, conseguindo os seus artistas fartos applausos.

Está annunciado para breve a interessante comedia *O Guardião da Alameda*.

Para hoje estão organizadas duas interessantes sessões e amanhã haverá matinees e spectaculo a noite.

CINEMA CONGRESSO — Este cinema da praça dr. João Mendes e pertencente á empresa Carlos Murano & Comp. é unico, no districto da Liberdade, que exhibe em primeiro lugar as novidades do *Bijou Theatre*. Possui uma excellent orchestra e o seu salão de exhibições foi ultimamente bastante melhorado, ficando mais confortavel e arejado, mais em condições portanto, de agradar os seus numerosos frequentadores. Os ingressos neste cinema, por sessão, custam apenas 300 réis para os adultos e 200 réis para as crianças. Todos os domingos ha matinees com distribuição de bombons ás crianças.

CLUB CUCK — Amanhã, á hora do costume, no Prado da Mooca, haverá mais uma corrida, disputando-se bem organizados parcos.

EM PORTUGAL

Um edital do ministro da justiça

Foi mandado affixar por todo o país o seguinte importante documento:

No interesse do publico, pelo Ministerio da Justiça e em nome do governo da Republica Portuguesa.

Considerando que a lei de separação tem sido attribuidos intittos que ella não teve em vista, nem remittida das suas disposições que não claras e precisas;

Considerando que as instituições das instituições e que desejam perturbar a ordem e o progresso da Republica podem ter interesse em enganar o povo, ensinando-lhes doutrinas contrarias á consignada nella contra a emancipação da oppresão politico-religiosa, garantindo-lhe a mais completa liberdade de consciencia e pratica do culto;

O ministro da Justiça, ouvida a commissão central de execução da lei de separação, faz saber o seguinte:

1.º Para o effeito da concessão gratuita das igrejas, novellas e alfaias destinadas a cultos catholicos, as ordens (corporações) encaregadas do culto podem organizar-se até 31 de dezembro de 1912.

2.º Encarregado as cultas se não organizarem para aquelles effeitos, o culto póde continuar a exercer-se pela mesma forma por que o tem sido até hoje, por intermedio de agrupamentos cultas transitórios.

3.º Esses agrupamentos, como as cultas que se organizam, tem o direito de reservar para beneficencia e assistencia a pequena parte que a lei estabelece, quer dizer, um terço pelo menos do que receberem para fins cultas, ou um sexto se tiverem o poder ao sustento e habitação do ministro do culto.

4.º Tanto as corporações que se constituírem para se encaregarem do culto, como as que já existam e delle se encaregarem, e tambem as misericordias, confrarias, irmandades, ordens terceiras, etc., que do mesmo culto parochial não se queiram encargar, tem o direito de solicitar a aplicação dos seus rendimentos, sejam estes consignados ao culto, sejam destinados á assistencia e beneficencia.

5.º Os actos de assistencia e beneficencia seerão, portanto, praticados directamente por essas corporações; e assim ellas podem socorrer os pobres, os doentes, exercer a caridade, auxiliar os desprotegidos e as crianças pobres das escolas.

6.º E, portanto, evidente que a lei da separação não prohibe o culto nem ataca as religiões; é evidente e tambem que o Estado não quer, como aliaes de guerra, tomar conta dos bens ou rendimentos das mencionadas corporações, que se harmonizam com a lei de separação.

7.º Ainda quando até 31 de dezembro de 1912 se não organizem cultas, nem livres administrativas, nem irmandades, nellas existentes, não queiram encaregar-se do culto parochial, nem por isso o Estado fechará as suas igrejas onde estejam, por direito ou uso antigo, erectas irmandades e confrarias, as quaes poderão continuar a exercer o seu culto por intermedio dos seus ministros privativos.

8.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

9.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

10.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

11.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

12.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

13.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

14.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

15.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

16.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

17.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

18.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

19.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

20.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

21.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

22.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

23.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

24.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

25.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

26.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

27.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

28.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

29.º Se as igrejas forem abandonadas pelos párocos ou estas não quizerem cumprir os seus deveres para com o Estado, a humanidade, e a culpa é somente dos ministros da religião e da Republica em nada contra os párocos, os quaes poderão intermedio dos seus ministros privativos.

(Continúa.)

